



Mulheres Assentadas: Construindo a Agroecologia e a Segurança Alimentar no P. A. Carlos Lamarca, em Capitão Poço, Pará.

Carolina Simões dos SANTOS⁽¹⁾; Aparecida Hurtado SOARES⁽²⁾; Alane Cristina Brito PEIXOTO⁽¹⁾; Camila S. S. B. Costa⁽¹⁾; Henderson Gonçalves NOBRE⁽³⁾

Settled Women: Building a Agroecology and Ensuring food security in the P.A.

Carlos Lamarca, in Capitão Poço, Pará.

⁽¹⁾Estudante do curso de Agronomia, Universidade Federal Rural da Amazônia campus Capitão Poço/PA (UFRA-CCP); Endereço: Rod. PA 124, KM 0 - Bairro: Vila Nova - Cep: 68650-000, E-mail: carolina-s.santos@hotmail.com ⁽²⁾ Engenheira Agrônoma, Universidade Federal Rural da Amazônia Campus de Capitão Poço/PA (UFRA-CCP); Endereço: Endereço: Rod. PA 124, KM 0 - Bairro: Vila Nova - Cep: 68650-000, E-mail: cidaagro@gmail.com, ⁽³⁾ Engenheiro Agrônomo e Professor Assistente da Universidade Federal Rural da Amazônia, Campus de Capitão Poço/PA (UFRA-CCP); Endereço: Endereço: Rod. PA 124, KM 0 - Bairro: Vila Nova - Cep: 68650-000, E-mail: henderson.nobre@ufra.edu.br.

Resumo:

A agroecologia apresenta-se como pilar fundamental na construção da soberania alimentar. A demanda dos agricultores familiares do P.A Carlos Lamarca, em resgatar e aprofundar as técnicas de manejo agroecológico foi fundamental para o incentivo da construção da soberania e segurança alimentar de suas famílias. A metodologia utilizada com as agricultoras foram entrevistas semi estruturadas, intercâmbio de experiências, oficinas de capacitação, reuniões, entre outras. Com isso, conseguiu-se a implantação de um viveiro de mudas, uma horta orgânica e o aumento da diversificação nos lotes. O presente trabalho busca analisar como as ações do GT de Gênero, do Núcleo de Agricultura Familiar e Agroecologia da Universidade Federal Rural da Amazônia/Capitão Poço - PA vem contribuindo para a segurança alimentar das agricultoras e suas famílias, do Projeto de Assentamento Carlos Lamarca, neste município.

Palavras-Chave: Mulheres; Agroecologia; Autonomia.

Abstract: The agroecologia presents like fundamental pillar in the construction of the alimentary sovereignty. The demand of the familiar agriculturalists of the P. A. Carlos Lamarca, in rescuing and deepen the technicians of handle agroecológico was fundamental for the incentive of the construction of the sovereignty and alimentary security of his families. The methodology used with the agriculturalists were glimpsed semi structured, exchange of experiences, workshops of qualification, meetings, between others. With this, achieved the implantation of a viveiro of change, a horta organic and the increase of the diversification of the batches. The present work research analyse like the actions of the GT of Gender, of the Core of Familiar Agriculture and Agroecologia of the Universidade Federal Rural da Amazônia/Capitão Poço - PA, has contributed to the food security of farmers and their families, the Settlement Project Carlos Lamarca, this municipality.

Keywords: Woman; Agroecology; Autonomy.

Introdução



De acordo com Cuellar Padilla y Sevilla Guzmán (2012), a agroecologia apresenta-se como pilar fundamental na construção da soberania alimentar, pois produz alimentos sãos, são baseados na diversificação de cultivos, em novas relações de homens, mulheres e a natureza, na eliminação do uso de agrotóxicos, transgênicos e da dependência de capital.

Deste modo, o presente trabalho busca analisar como as ações do Grupo de Trabalho Relações de Gênero, do Núcleo de Agricultura Familiar e Agroecologia da Universidade Federal Rural da Amazônia/Capitão Poço-PA, vem contribuindo para a segurança alimentar das agricultoras e suas famílias, no Projeto de Assentamento Carlos Lamarca, em Capitão Poço. As ações realizadas são pautadas nos princípios da agroecologia, na valorização do saber local, na discussão da equidade de gênero e na forma participativa de construção de conhecimento.

Metodologia

Toda metodologia foi pautada no Diagnóstico Rural Participativo-DRP (VERDERJO, 2006), no qual foram utilizadas as ferramentas metodológicas: entrevistas semi estruturadas, observação participante, travessia, intercâmbio de experiências oficinas de capacitação e reuniões; visando com isso conhecer as potencialidades e gargalos existentes na comunidade. Posteriormente, foi elaborado um plano de ação junto aos agricultores e agricultoras, a fim de potencializar suas atividades e conhecimentos, e minimizar as dificuldades existentes, principalmente no que diz respeito à questão organizacional e técnico-produtiva. Dentre estas, o fortalecimento do grupo de mulheres.

Resultados e discussões

De acordo com as entrevistas, as agricultoras possuíam diversos interesses, entre eles estavam: o trabalho com hortas orgânicas, com galinha caipira, sabão artesanal, artesanatos em geral e etc. Deste modo, para viabilizar e potencializar os conhecimentos, foi proposto intercâmbios de experiência dos agricultores e agricultoras do P.A. Carlos Lamarca, junto aos agricultores que utilizam sistema de produção sustentável, como: os sistemas agroflorestais, produção orgânica de laranja, nos municípios de Irituia, Capitão Poço e Tomé-Açu. Onde as mulheres do assentamento também participaram e puderam verificar que podiam trabalhar com diversidade de produção e manejo da roça sem queima.

O intercâmbio de experiência cumpre um papel importante, no que diz respeito ao conhecimento prático e credibilidade desses agricultores e agricultoras nas práticas agroecológicas, além disso, há similaridades entre os tamanhos dos lotes e insumos locais, que viabilizam certa independência de insumos externos e ainda recebem uma função diferenciada ao invés de ser jogado fora, pois mesmo com as dificuldades enfrentadas pela agricultura familiar, há agricultores que se sobressaem a essas dificuldades, sejam elas econômicas e/ou produtivas. Essa prática mostra



ao agricultor maneiras simples e possíveis de técnicas eficazes para o manejo de seus lotes, que muitas vezes eles não conseguiriam compreender em uma palestra em sala.

Buscando aperfeiçoar os conhecimentos e colocar em prática o aprendizado adquirido nos intercâmbios, para suprir a necessidade desses agricultores em relação a sementes e mudas, foi proposto que os mesmos se organizassem para a construção de um viveiro. Na construção do viveiro foi organizado um mutirão, em que estavam presentes as famílias dos agricultores interessados. As agricultoras tiveram um papel fundamental, pois estavam presentes tanto na produção de mudas: no preparo de substratos, enchendo saquinhos, plantando as sementes pré-germinadas de açaí (*Euterpe oleracea* Mart) e cupuaçu (*Theobroma grandiflorum* Schum), na quebra de dormência e plantação das essências florestais, a exemplo o paricá (*Schizolobium amazonicum* Huber), como na limpeza (capina) do local onde seria instalado o viveiro, e também indiretamente, na organização da alimentação. O coletivo do viveiro é misto, atualmente é composto por 20 famílias.

Desse modo concordamos com Pimbert (2009), quando o mesmo afirma que as mulheres constituem a maioria da força de trabalho dos sistemas alimentares locais e contribuem de maneira significativa para a segurança alimentar e economia local. Isso porque o viveiro trouxe muitos benefícios para as famílias envolvidas, a exemplo da produção e divisão de 13.000 mudas de açaí e 1.000 mudas de cupuaçu para famílias responsáveis pelo coletivo do viveiro, que posteriormente foram plantadas em seus lotes, auxiliando na diversificação de suas propriedades, principalmente, no que diz respeito à questão da soberania e segurança alimentar. Tendo em vista, que essas frutas são à base da alimentação paraense. Cerca de 4.000 mudas foram separadas e vendidas para reinvestir na infraestrutura do viveiro, principalmente o sistema de irrigação.

Paralelamente, foram ministradas oficinas e capacitações, entre elas, a oficina de horticultura de base agroecológica, demandada pelas mulheres do assentamento. E para subsidiar nesta capacitação foram feitas práticas de compostagem, biofertilizante e um pequeno minhocário, utilizando insumos existentes na comunidade (palhada de feijão e de milho; bagaço de cana-de-açúcar; esterco de gado e galinha, entre outros). Após essa capacitação um grupo composto por 10 mulheres resolveram colocar em prática o aprendizado, então surgiu o “coletivo da horta”.

Na horta agroecológica são produzidos alface (*Lactuca sativa*), coentro (*Coriandrum sativum*), cebolinha (*Allium fistulosum*), rabanete (*Raphanus sativus*), pimentão (*Capsicum annuum*), pimentinha (*Capsicum spp.*), abobrinha (*Curcubita spp.*), quiabo (*Abelmoschus esculentus* L. Moench.), pepino (*Cucumis sativus* L.), tomate (*Solanum lycopersicum*), cenoura (*Daucus carota sativus*) e couve (*Brassica oleracea* L.), entre outras. Eram vendidas diretamente na horta e por encomendas para algumas frutarias. Atualmente, com o apoio do NEA através do GT de Gênero



que vem acompanhando e desenvolvendo o trabalho com essas agricultoras, as hortaliças são vendidas em uma cesta diversificada que é entregue direto ao consumidor, estreitando os laços de confiança entre agricultores e consumidores.

Segundo Cardoso & Rodrigues (2009), há experiências em que a produção agroecológica e a participação crescente na esfera política têm contribuído para o empoderamento das mulheres que começaram a transpor o espaço doméstico, conquistando maior autonomia e autoestima. Concordando com as autoras, as mulheres afirmam que as trocas de experiências e capacitações contribuíram bastante, como forma de conhecimento, qualidade de vida e ainda superação de doenças. Como cita uma agricultora do coletivo da horta:

“Antigamente, eu só vivia em casa deitada de pé junto, esperando a morte, era dor aqui, dor ali, ai depois do coletivo melhorou muito, agora já tenho animação pra sair, trabalhar e reunir com as colegas, agora eu até sinto dor, mas nem ligo”.

A autonomia conquistada através das atividades desenvolvidas pelo coletivo de mulheres e a renda gerada pela produção de hortaliças, têm contribuído na melhoria da autoestima das mesmas, têm auxiliado na conquista de seus espaços, garantido a segurança alimentar de suas famílias, através da tomada de decisões do que plantar e como plantar em suas propriedades. Além, do investimento em infraestrutura para a horta, possibilitando minimizar os serviços com mão de obra.

Um reflexo deste trabalho é o aumento da diversificação nos lotes das agricultoras, pois produz tanto alimentos que constituem a base alimentar, como a mandioca brava e mansa (*Manihot esculenta* Crantz) para fazer farinha e para o consumo de mesa, o feijão (*Vigna unguiculata* (L.) Walp), o milho (*Zea Mays*), como também as frutíferas e espécies florestais. Cabe destacar que a de farinha também é item indispensável na mesa do paraense, além de criações de animais (Soares, 2013). Em relação às hortaliças as agricultoras produziam geralmente em vasos ou vasilhas. Porém, hoje é possível verificar que depois da oficina de horticultura agroecológica, tanto as agricultoras que são do coletivo, quanto as que não participam, têm produzido hortaliças em canteiros, de forma diversa e em maior quantidade, permitindo que as famílias tenham mais diversidade na alimentação, com a inclusão de hortaliças, que antes nem pensavam em produzir, e/ou achavam que não conseguiria produzir aqui na região, como é o caso do rabanete. A diversidade da produção em seus lotes contribui para soberania e segurança alimentar de suas famílias, principalmente quando as mesmas já utilizam insumos provenientes da própria comunidade, otimizando suas produções, minimizando o uso de insumos externos como adubos sintéticos e agrotóxicos.

Conclusões



O trabalho desenvolvido vem contribuindo de forma significativa, principalmente nas questões técnico produtivas e sociais, pois busca incentivar a diversificação nos lotes, otimizar os insumos contidos nas propriedades da comunidade, a organização dos coletivos, a autonomia pessoal e financeira das agricultoras. Contribuiu também para que as agricultoras e agricultores buscassem o aumento da segurança e soberania alimentar de suas famílias, que conseqüentemente os auxiliaram diretamente na rentabilidade, no que diz respeito à geração de renda proveniente de atividades antes impensáveis. Neste sentido, percebe-se que as agricultoras e agricultores do P. A Carlos Lamarca permeiam o caminho da sustentabilidade tanto produtiva como econômica e social, através da Agroecologia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARDOSO, E.M; RODRIGUES, V. S. **Mulheres construindo a Agroecologia no Brasil** IN: **Agriculturas – Experiências em Agroecologia: Mulheres construindo a Agroecologia**. Leiza Brasil . V6, N4, p 12 – 16. Dez 2009.

CUELLAR PADILLA, M.; SEVILLA GUZMÁN, E. **La Soberanía Alimentaria: la dimensión política de Agroecología**, IN: **Procesos hacia la Soberanía Alimentaria: perspectivas y prácticas desde la Agroecología política**. (Org.) Mamem Cuellar, Ángel Calle y David Galar. Ed. Icaria, Barcelona – España, noviembre, 2012.

PIMBERT, M. **Mulheres e soberania alimentar**, IN: **Agriculturas – Experiências em Agroecologia: Mulheres construindo a Agroecologia**. Leiza Brasil . V6, N4, p 4 – 8. Dez 2009.

Soares, A.H. **Luchas, conquistas y perspectivas: mujeres agricultoras del Proyecto de Asentamiento Carlos Lamarca, Capitão Poço – Pa / Brasil**. Baeza – Espanha, p.28, Dezembro de 2013.

VERDEJO, M. E. **Diagnóstico Rural Participativo – Guia prático DRP**. Brasília: SAF/MDA, 2006.